

# Quaresma 4

Serra do Pilar, 31 março 2019

**Tu levantaste, tu reuniste o teu Povo;  
na nova Jerusalém, cantaremos sem fim!**

Eu te exalto, Senhor, porque me levantaste  
e me poupaste ao riso dos meus inimigos;  
Senhor, tu curaste-me e tiraste-me dos infernos,  
quando eu já descia à cova, tu deste-me a vida.

Celebrai o Senhor, vós que o amais,  
louvai-o pelo seu santo Nome memorável!

A sua cólera dura um instante, a sua Graça é por toda a vida;  
com a noite chegam as lágrimas, mas com a manhã volta a alegria!

Irmãos:

Desde sempre, o Homem sacrificou vítimas humanas à Divindade para expiação das suas faltas e apaziguamento de deuses despóticos. Mas depois do teste a que Abraão foi submetido (Gn 22), nunca mais o nosso Deus pôde ser identificado com os deuses sanguinários, sedentos de carne humana e de sangue. O nosso Deus não quer a morte de homem nenhum. Com Abraão ficaram definitivamente banidos os sacrifícios humanos.

É verdade que todas as *religiões* continuaram com os seus altares: o Partido, a Nação, a Raça, a Ideologia, o Interesse, o Capital, o Dinheiro, o Poder, a violência doméstica, etc, aras onde o mesmo homem continua a ser sacrificado.

Mas Aquele que disse «Quero Amor e não Sacrifício» (Os 6,6) aí está para julgar o Mundo e a História. É a Páscoa que se aproxima.

Tem piedade de nós, tão exauridos de vida  
da dor tão longe, e a dor tão perto

**Kyrie, eleison!**

tem piedade de nós que mal-amamos  
porque a nós mal nos amamos  
e desapiedados somos  
para com os mal-amados,  
os desenraizados de si e do seu bem

**Christe, eleison!**

tem piedade de nós  
que iludimos a morte  
com ruínas de fumo e de louvor!  
**Kyrie, eleison!**

(José Mourão — *O nome e a forma*, 2009)

Oremos (...)

Ó Pai, lento à cólera e cheio de Amor,  
cuja misericórdia é uma compaixão imensa  
diante dos passos perdidos dos teus filhos,  
Deus que, em Jesus Cristo, tua Palavra incarnada,  
inauguraste os tempos da Graça  
e estendeste a mão a todos os humilhados,  
conduz o Povo Cristão à reconciliação  
para que, no entusiasmo e na alegria da fé,  
possa celebrar a Páscoa da Ressurreição!  
**Âmen!**

Leitura do Livro de Josué (5,9/12)

Naqueles dias, o Senhor disse a Josué: «Foi neste dia que vos libertei da vergonha do Egípto!». Os israelitas acamparam em Guilgal e ali celebraram a Páscoa, no dia 14 daquele mês, pela tarde, no planalto de Jericó. No dia seguinte, comeram dos produtos da terra: pão sem fermento e grão de trigo torrado. Nesse mesmo dia, o maná deixou de cair, pois eles passaram a comer dos produtos da terra. Os Filhos de Israel deixaram de ter o maná mas, a partir desse ano, colheram os frutos da terra de Canã.

Canto responsorial (do Salmo 33)

**Provai e vede com o Senhor é bom!**

Bendirei o Senhor em todo o tempo,  
sem cessar os meus lábios o louvarão!  
A minha glória está na Glória do Senhor!  
Que os pobres me escutem e entrem em festa!

Proclamem comigo a sua grandeza,  
em assembleia, exaltemos todos o Senhor!  
Felizes os que nele se acolhem,  
provai e vede como é bom o Senhor!

## Leitura da Segunda Carta de Paulo aos Coríntios (5,17/21)

Irmãos: se alguém está em Cristo é uma Nova Criatura! O velho ser desapareceu e deu lugar a um Novo Ser! Tudo isto vem de Deus que nos reconciliou consigo, pelo Cristo, e nos confiou o ministério da reconciliação. Em Cristo, Deus reconcilia o Mundo, não tendo já mais em conta as faltas dos homens e pondo nos nossos lábios a palavra da reconciliação! Somos verdadeiros embaixadores de Cristo: por nós, Deus exorta os homens. É em nome de Cristo que nós vo-lo pedimos: Irmãos, deixai-vos reconciliar com Deus! A Cristo, que não conheceu o pecado, Deus o fez «pecado» por amor de nós, a fim de nos tornarmos «Justiça-de-Deus».

### **Glória a Ti, Cristo, Palavra de Deus!**

Vou partir, vou ter com meu Pai, e dizer-lhe:

«Pai, pequei contra o Céu e contra ti!

### **Glória a Ti, Cristo, Palavra de Deus!**

## Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas (15,1/3 e 11/32)

Os Publicanos e os pecadores aproximaram-se de Jesus para o escutarem. Os Fariseus e os Escribas murmuravam: «Este homem acolhe os pecadores e come com eles!».

Jesus disse-lhes então esta parábola:

«Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: «Dá-me, Pai, a parte da herança que me pertence». E o pai repartiu os seus bens. Poucos dias depois, este filho mais novo juntou todos os seus haveres e partiu para um país longínquo onde os dissipou numa vida desordenada. Quando passou a ter necessidade, sobreveio naquele país uma grande fome e ele começou a passar grandes dificuldades. Pôs-se ao serviço de um dos habitantes daquela região que o mandou para os seus campos guardar porcos. Quantas vezes ele quis encher a barriga com o alimento dos porcos ... mas não lho consentiam.

Caindo em si disse consigo próprio: «Quantos empregados de meu pai têm nesta altura pão em abundância enquanto eu morro para aqui de fome! Vou partir, vou ter com eu pai, e dir-lhe-ei: "Eu pequei contra Deus e contra ti e não mereço mais ser chamado teu filho; trata-me ao menos como um dos teus empregados!"». Ganhou coragem e partiu para casa do pai. Quando vinha ainda longe, o pai reconheceu-o e, enchendo-se de compaixão, lançou-se-lhe ao pescoço, abraçando-o durante largo tempo. O filho disse então: «Pai, eu pequei contra Deus e contra ti e não mereço mais ser chamado teu filho!». Mas o pai disse aos empregados: «Depressa! Trazei a mais bela roupa e vesti-lha, ponde-lhe um anel no dedo e calçado

nos pés. Trazei o bezerro gordo e matai-o porque vamos comer e fazer uma festa. O meu filho estava morto e voltou à vida, andava perdido e encontrou-se.»

E começaram, em casa, a festejar o acontecimento. O filho mais velho, que estava nos campos, quando, ao voltar a casa, ouviu a música e as danças, chamou um dos empregados e perguntou-lhe o que era aquilo. Ele respondeu-lhe: «Foi o teu irmão que voltou e o teu pai matou o bezerro gordo porque o recobrou com saúde». O filho mais velho entrou em grande cólera e recusou-se a entrar em casa. O pai veio ter com ele e insistiu para que entrasse. Mas ele respondeu ao pai: «Há tantos anos que te sirvo sem nunca ter transgredido nenhuma das tuas ordens, e nunca me deste um cabrito para eu fazer uma festa com os meus amigos ... No entanto, logo que chegou este teu filho que devorou os teus bens com prostitutas, tu mandas imediatamente matar o vitelo gordo!»

Mas o pai disse-lhe: «Tu, meu filho, estás sempre comigo, e o que é meu é teu! Mas era preciso fazer uma festa e alegrarmo-nos porque o teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e encontrou-se!».

### **Glória a ti, Cristo, Palavra de Deus!**

Homilia

Durante muitas gerações, deu-se à morte de Jesus uma explicação expiatória: ele morreu na cruz oferecendo-se a Deus como vítima em sacrifício. Deus exigia que lhe pagassem a ofensa que o homem lhe fizera com o seu pecado. Jesus prontificou-se a tal.

Em vez do pecador, morreu Jesus: sobre a sua cabeça se juntaram todos os pecados de toda a humanidade. Jesus entendia-se, portanto, como o preço de um resgate. Passou-se com ele o que os espanhóis encontraram os índios ocidentais a fazer: sacrifícios humanos. Portanto, Jesus morreu pelos nossos pecados.

Nesta teologia, profundamente influenciada pela mentalidade ético-jurídica do mundo romano (*quem deve paga*), que não levava sequer em linha de conta que os sacrifícios humanos estavam definitivamente superados desde pelo menos o episódio do filho de Abraão (Gn 22, 1-19), a vida de Jesus só tinha um sentido: ele nasceu e viveu para, morrendo na cruz, pagar a Deus uma dívida que lhe era devida pela humanidade. A uma ofensa infinita, um resgate infinito: como este não podia ser pago pelo homem, finito que é, veio a cá o filho de Deus a pagar a culpa! Nesta explicação, Jesus, enviado do Pai, restabeleceu a ordem alterada pelo pecado: a sua morte na cruz, que tem um valor de satisfação, expia e redime.

Mas esta teoria expiatória começou a ser contestada de muitos lados. A pergunta mais simples pode ter sido esta: Quem quis a morte de Jesus?, quem quis a cruz?, Deus?

A cruz, porém, é um produto da nossa história, não da cabeça de Deus. A crucifixão, é/era uma barbaridade: mas, ainda hoje se aplica. No caso de Jesus, a pena de morte aplicada por crucifixão foi, para além de tudo o mais, uma arbitrariedade do poder.

Mas o nosso Deus precisava de um crime do poder para repor a desordem instalada pelo pecado do homem? Não, sem qualquer dúvida, não: o nosso Deus salva o homem pelo seu amor que lhe tem e por mais nada.

É que a vida de Jesus não foi só a sua morte. E toda a sua vida foi redentora.

Que quer isto dizer? A morte de Jesus não é *toda* a sua vida; é sim o *momento culminante* da sua vida. Se Jesus tivesse vivido outra vida não teria tido a morte que teve. É verdade que morreu crucificado, um suplício infamante reservado especialmente a escravos e subversivos políticos, aos alteradores da ordem pública. Mas a sua morte foi o resultado da sua vida. Quem diz o que ele disse e faz o que ele fez, que pode esperar? É isto o que quer dizer que *Jesus Cristo se entregou para voluntariamente sofrer a morte*. Não que tivesse querido morrer: ele aceitou foi correr os riscos que a sua postura lhe acarretaria. Percebendo que, fazendo o que fez, poderia ser condenado à morte, mesmo assim, não hesitou e caminhou em frente.

A sua liberdade perante a Lei, a denúncia do formalismo da moral religiosa e do culto do Templo, a solidariedade com os pobres e pecadores, com os próprios marginais, desde o seu nascimento, os pastores, o anúncio de um Deus de rosto novo, a separação entre o que é de Deus e o que é de César, é tudo isto que explica a sua morte. Os seus principais responsáveis foram os detentores do poder religioso e político que, conluiados, o acusaram de blasfemo e subversivo. A morte de Jesus não é um sacrifício assumido por decisão inelutável de Deus. Longe disso: foi antes um acontecimento histórico que desclassificou a sua vida e a sua mensagem: *Confiou em Deus, ele que o livre agora, se o ama* (Mt 27,43); *Salvou os outros, mas não pode salvar-se a si mesmo! ...; Desça agora da cruz para nós vermos e acreditarmos* (Mc 31-32).

Os próprios discípulos - que imediatamente se dispersaram e fugiram - viram a sua fé sumir-se. Mas curiosa e paradoxalmente, foi o centurião, isto é, o pagão romano, que exclamou *Verdadeiramente este homem era filho de Deus* (Mt 27,54 e Mc 15,39).

Um desastre absoluto, a morte na cruz? Parecia! A representação mais antiga que se conhece desta morte é um grafito romano: um burro

pregado numa cruz!

Mas só com ela e por ela se entende a ressurreição, desautorização absoluta dessa morte-crime injusta e inexplicável.

Jesus não morreu para pagar os nossos pecados, tão pouco em vez dos pecadores, morreu, sim, por causa dos pecados dos homens, isto é, morreu por uma morte que os (pecados dos) homens causaram, tal como hoje se morre num ataque terrorista, como se morre na estrada, como morrem cada vez mais mulheres às mãos dos seus *homens*, ou no fim dos corredores da morte dos países que ainda não aboliram a pena de morte...

Mortos às mãos dos homens.

A morte de Jesus é a expressão culminante e a verificação incontestável de toda uma vida de amor solidário e entrega generosa à causa do Reino. Jesus salvou-nos não pela sua morte, mas por uma vida que culminou na cruz, vida *que não era possível que ficasse sob a morte* (At 2,24); por isso mesmo é que *Deus o ressuscitou* (At 2, 32), diz Pedro à multidão no dia de Pentecostes.

Vamos celebrar a Páscoa, esta morte e a ressurreição que se lhe seguiu?

Preces

**Estende o teu olhar sobre o Povo que chamaste para Ti!**

Dá-nos, Senhor, na tua Igreja,  
lugares, tempos e formas de penitência  
que nos levem às Fontes da Verdade e da Graça!

**Miserere! Miserere!**

Orienta, Senhor, os nossos trabalhos quaresmais  
para a edificação da Igreja  
sobre o Rochedo, a pedra fundamental rejeitada!

**Miserere! Miserere!**

Dá-nos, Senhor, a verdadeira penitência  
que muda o coração e renova a mente,  
sem a qual todas as mortificações são inúteis!

**Miserere! Miserere!**

Ouve-nos, Senhor, nestes dias de provação  
e renova a tua Igreja nas suas Fontes:  
dá aos teus Discípulos a consciência do seu Batismo!

**Miserere! Miserere!**

**Estende o teu olhar sobre o Povo que chamaste para Ti!**

Ofertório

**Surgirá tua luz como aurora,  
a justiça do Senhor virá diante de ti.  
A glória do Senhor seguirá os teus passos!**

Pai, foi grande o tempo  
E tu não permitiste  
Que nós nos separássemos;

Pai, foi grande o tempo  
E tu não consentiste  
que o tempo dividisse;

Pai, foi grande o tempo  
E os que procuravam  
um dia te encontraram;

Porque nos esperaste em cada dia,  
Pai, eis que voltamos.

Porque vais entregar-nos o teu Reino.  
Pai, eis que voltamos.

Porque hoje tu queres receber-nos,  
Pai, eis que voltamos.

Comunhão

**O Senhor é meu pastor,  
nada me pode faltar!** (Pe Gélineau)

O Senhor é o Pastor que me conduz:  
nada me falta.

É nos prados da relva mais fresca  
que me faz descansar.

Para as águas tranquilas me conduz,  
reconforta a minha alma.

Ensina-me os caminhos mais seguros  
por amor de Seu Nome.

Passarei os mais negros abismos  
sem temer mal nenhum.

Junto a mim teu bastão, teu cajado;  
eles são o meu conforto.

Oração final

Oremos (...)

Tendo recebido este pão  
na memória do Senhor Jesus ressuscitado  
pão que nos alimenta a Fé,  
confirma a Esperança e fortalece a Caridade,  
nós te pedimos, Senhor,  
que sacies a nossa fome  
com toda a Palavra que nos vem da tua boca.  
Nesta Quaresma que nos levará à Páscoa  
nós to pedimos pelo mesmo Jesus, que é teu Filho,  
na unidade do Espírito Santo.  
**Ámen!**

Final

**Tu levantaste, tu reuniste o teu Povo;  
na nova Jerusalém, cantaremos sem fim!**

Celebrai o Senhor, vós que o amais,  
louvai-o pelo seu santo Nome memorável!  
A sua cólera dura um instante, a sua Graça é por toda a vida;  
com a noite chegam as lágrimas, mas com a manhã volta a alegria!

Leitura diária

2.<sup>a</sup> feira: Is 65, 17-21; Sl 29; Jo 4, 43-54  
3.<sup>a</sup>-feira: Ez 47, 1-9.12; Sl 45; Jo 5, 1-3a.5-16  
4.<sup>a</sup>-feira: Is 49, 8-15; Sl 144; Jo 5, 17-30  
5.<sup>a</sup>-feira: Ex 32, 7-14; Sl 105; Jo 5, 31-47  
6.<sup>a</sup>-feira: Sb 2, 1a.12-22; Sl 33; Jo 7, 1-2.10.25-30  
Sábado: Jr 11, 18-20; Sl 7; Jo 7, 40-53

Is = Livro de Isaías; Sl = Livro dos Salmos; Jo = Evangelho segundo João;  
EZ = Livro de Ezequiel; Ex = Livro do Êxodo; Jr = Livro de Jeremias;  
Sb = Livro da Sabedoria.